

**CONSIDERAÇÕES SOBRE UM MAPEAMENTO INICIAL DO FAZER TEATRAL
NA ESCOLA BÁSICA DE UBERLÂNDIA**

**AN EARLY MAPPING CONSIDERATION OF UBERLÂNDIA ELEMENTARY
SCHOOL THEATRICAL PERFORM**

Paulina Maria Caon¹

Ricardo Augusto Oliveira²

Gabriela Neves Guimarães³

Resumo

Este texto apresenta primeiras considerações sobre uma ação de pesquisa do projeto *Partilhas, Ateliês e Redes de Cooperação – aprendizagens teatrais na escola básica*, realizada com professores da área de Teatro da escola básica de Uberlândia-MG entre 2014 e 2015. O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário, que foi respondido por profissionais que participaram das ações do projeto no período. O objetivo do mapeamento é elaborar um panorama das práticas teatrais em escolas de Uberlândia, onde elas ocorrem e quais são as trajetórias dos professores de teatro que as coordenam. Isso visando refletir sobre a inserção do teatro na escola básica em nosso contexto, a possibilidade de estabelecimento de relações e reflexão conjunta entre esses professores e/ou espaços de ensino. Apresentam-se no artigo a contextualização da pesquisa, as dificuldades encontradas pelos pesquisadores, a metodologia utilizada e a análise das respostas obtidas.

Palavras-chaves: Teatro, Escola Básica, Sociologia da Educação, Metodologias de Pesquisa.

Resumen

Ese texto presenta consideraciones acerca de una acción de investigación del proyecto *Partilhas, Ateliês e Redes de Cooperação – aprendizagens teatrais na escola básica*, realizada con profesores de Teatro de la escuela básica de Uberlândia-MG entre 2014 y 2015. La herramienta de investigación usada fue un cuestionario, respondido por profesionales que participaron de las

1 Docente do Curso de Teatro do Instituto de Arte, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutora em Artes Cênicas pela ECA-USP (2015, com apoio CAPES), com orientação da Profa. Dra. Maria Lucia de Souza Barros Pupo. Uma das coordenadoras do projeto *Partilhas, Ateliês e Redes de Cooperação – aprendizagens teatrais na escola básica* (Edital Pesquisa em Educação Básica FAPEMIG/CAPES). Encenadora e *performer* colaboradora do Coletivo Teatro Dodecafônico desde 2008.

2. UFU, Mestrando. *Labirinto do Minotauro: processo criativo de performance na escola com o tema medo* (título provisório), conclusão em 2015. Área Práticas e Processos em Artes – orientadora: Vilma Campos dos Santos Leite. Bolsista CAPES – Integrante da equipe do Projeto *Partilhas, Ateliês e Redes de Cooperação – aprendizagens teatrais na escola básica*. Ator e gestor da Trupe de Truões.

3. Universidade Federal de Uberlândia, Graduanda. Bolsista CAPES IC – orientadoras: Paulina Maria Caon e Vilma Campos dos Santos Leite. Integrante da equipe do Projeto *Partilhas, Ateliês e Redes de Cooperação – aprendizagens teatrais na escola básica*. Atriz do Grupo Mito 8 de Teatro.

ações do projeto em el periodo. Su objetivo es tener un panorama de prácticas teatrales en escuelas de Uberlândia, donde ocurren y cuáles son las trayectorias de los profesores que las coordinan. Eso visando reflexionar sobre la inserción del teatro en la escuela básica en nuestro contexto, ya la posibilidad de establecimiento de relaciones y reflexiones conjuntas entre profesores y/o espacios de enseñanza. Presiéntanse en el artículo la contextualización de la investigación, las dificultades encontradas, la metodología usada y el análisis de las respuestas obtenidas.

Palabras clave: Teatro, Escuela Básica; Sociología de la Educación, Metodología de Investigación.

Abstract

This text presents reflections on research conducted between 2014 and 2015 involving primary school teachers of Uberlândia city. The research instrument was a survey, the targets of which were professionals who used theatrical practices in their work routines and who participated in the project “Partilhas, Ateliês e Redes de Cooperação – aprendizagens teatrais na escola básica”. This text includes the research context, the difficulties faced by the researchers, the methodology used and an analysis of the obtained responses. The mapping purpose was to have an overview of the theatrical practices in schools in Uberlândia, where they occurred and what the theater teachers paths were, who they coordinated with, targeting a reflection on the theater insertion in Uberlândia elementary schools context and the possibility of establishment relations and joint reflection between these teachers and/or teaching spaces.

Keywords: Theater, Elementary School, Education Sociology, Research Methodologies.

No segundo semestre de 2013, no projeto Partilhas, Ateliês e Redes de Cooperação - aprendizagens teatrais na escola básica (Edital Pesquisa em Educação Básica FAPEMIG/CAPES, 2012), assumimos a tarefa de fazer um mapeamento dos professores que trabalham com teatro em Uberlândia. O objetivo do mapeamento era termos um panorama das práticas teatrais em escolas de Uberlândia, onde elas ocorriam e quais eram as trajetórias dos professores de teatro que as coordenavam visando uma reflexão sobre a inserção do teatro na escola básica no contexto uberlandense e a possibilidade de estabelecimento de relações e reflexão conjunta entre esses professores e/ou espaços de ensino. A constatação da ausência de pesquisas dessa natureza na área da Pedagogia do Teatro nos fez, desde o princípio, reconhecer nossa própria ignorância no campo da pesquisa qualitativa em educação em geral e, por consequência, das *estratégias qualitativas* que articulassem *aspectos micro e macrosociais* (BRANDÃO, 2001), que pudessem ser adequadas para nossa situação específica.

O contato direto com a pesquisadora Marília Spósito da USP e, por meio dela, o acesso a alguns textos de Zaia Brandão (2005, 2002, 2001) foi fundamental para nos introduzir no campo da pesquisa em educação, na Sociologia da Educação e, por fim, para orientar alguns passos na realização do mapeamento. De um lado, percebemos nossos próprios preconceitos com um instrumento de pesquisa como o questionário no campo da pesquisa em Artes e/ou Teatro. Nesse

sentido passamos pelo processo de reconhecimento da “*arrogância da ignorância*”, que Brandão traz à tona desde as teorias de Pierre Bourdieu – expondo o risco de escolher ou **não** escolher certas ferramentas de investigação pelo desconhecimento delas e de suas orientações teórico-metodológicas⁴. Assim, inicialmente nos questionamos se realmente precisaríamos e porque precisaríamos de um questionário para a realização de tal mapeamento. De outro lado, para a elaboração do instrumento e análise de seus primeiros resultados (mais recentemente), temos mantido a atenção em relação ao tema da *produção/construção do objeto* e dados de pesquisa em oposição a uma ilusão de coleta ou tabulação imparcial de dados (2002).

Durante esse estudo, decidimos pela construção do questionário a ser respondido pelos professores da rede da escola básica que trabalhassem com teatro em Uberlândia no ano de 2014. Assim visávamos construir um retrato pontual, que poderia ser complementado futuramente por entrevistas semi-estruturadas, estudos de caso e outros estudos de médio e longo prazo. Esse questionário foi concebido com base na observação de temas recorrentes entre professores de teatro nas outras ações do Projeto Partilhas⁵, assim como dos questionamentos dos pesquisadores do projeto a partir do tema mais amplo das relações e tensões entre teatro e escola básica. A partir da construção de hipóteses e categorias ou conceitos-síntese (BRANDÃO, 2002; LAVILLE & DIONE, 1999)⁶ passamos a elaborar perguntas que possibilitassem a tabulação futura, que confirmassem ou refutassem as hipóteses formuladas, ou ainda que se articulassem aos interesses de investigação da equipe de pesquisadores envolvidos. Ainda nessa etapa, testamos o questionário com outros dois professores membros da equipe do projeto, que trabalham ou trabalharam na escola básica, em busca de retornos sobre a clareza e objetividade das perguntas e respostas propostas no documento.

A maior dificuldade enfrentada foi encontrar essa população de professores de Teatro na rede escolar para a aplicação do questionário. A intenção primeira era aplicar o questionário a todos os professores das escolas básicas (públicas e particulares) da cidade de Uberlândia que considerassem realizar atividades teatrais em sua rotina de trabalho, mesmo que tivessem formação

4 “Para Bourdieu [...], o “monismo metodológico” na maioria das vezes é o resultado da “arrogância da ignorância”: escolhe-se um “método” por não ser capaz de trabalhar com outro e não por uma exigência do problema a investigar.”, Zaia Brandão, *Pesquisa em Educação*, p.28.

5 Fóruns mensais de diálogos com professores da rede, mostras anuais do teatro feito na escola, acompanhamento cotidiano de alguns professores e escolas da cidade, etc.

6 Para esses autores, tais categorias/conceitos fazem o trânsito entre as hipóteses de pesquisa e a experiência dos sujeitos pesquisados, auxiliando a construir coerência/consistência nos “dados” e proporcionando maior profundidade nas etapas de análise e interpretação deles.

específica em outra área de conhecimento. O universo de escolas públicas do município não é tão amplo - cerca de 150 unidades escolares (segundo listagem da Prefeitura Municipal). Pareceu-nos possível e desejável abordar tal universo como uma maneira de verificarmos de forma ampla como a linguagem teatral estava presente no espaço escolar.

Paralelo a isso, foi iniciado contato com órgãos públicos de educação (municipal e estadual) para verificar se havia um banco de dados onde estivessem reunidas informações sobre professores de teatro ou de artes que atuavam na escola básica. No entanto, nenhum desses órgãos possuía as informações. Tendo em conta essa realidade, ainda tentamos o contato individual com cada escola, por meio de ligação telefônica. Entretanto, do outro lado da linha, quem atendia não tinha os dados, na maior parte dos casos. O acesso à informação, portanto, foi o primeiro grande desafio. A partir desse contexto, partimos para a entrega do questionário em mãos para os professores de teatro que vinham participando das diferentes ações de nosso projeto de pesquisa: Fórum de Diálogos entre Professores de Teatro (mensal), Mostra de Teatro Escolar (anual), entre outras.

A próxima dificuldade passou a ser a devolução dos questionários respondidos pelos professores que recebiam a proposta. Ao final de um ano de trabalho no projeto desde que o questionário fora elaborado, tivemos 16 documentos respondidos e devolvidos para a equipe. Ao recebê-los, constatamos que parte de nossas hipóteses não correspondia a algumas realidades empíricas, assim como observamos o surgimento de temas inesperados, que foram acolhidos na análise dos questionários. As considerações elaboradas a partir da análise, feita a três mãos, será o objetivo do presente texto, cujas considerações poderão servir para a continuidade do trabalho de investigação sobre as práticas teatrais na escola básica de Uberlândia mesmo que por diferentes pesquisadores.

Formação inicial e atuação

A maior parte dos professores que responderam o questionário no ano de 2014 está na faixa dos 20 aos 39 anos e são formados pelo Curso de Teatro da UFU (75% das respostas). Cerca de 62% desses professores entraram para a rede escolar no período entre 2009 e 2012. Esse período aponta uma sincronia com o histórico dos cursos do Instituto de Artes da UFU. Em 2004, o curso de Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas, Artes Plásticas e Música é desmembrado em três licenciaturas autônomas: Teatro, Artes Visuais e Música. Desse modo, 2008 seria o ano de formatura da primeira turma de licenciados em Teatro, que parece passar a frequentar os concursos

públicos da Educação Básica e se inserir nessa esfera de trabalho. Cerca de 62% dos professores são efetivos na rede municipal, estadual ou federal e 93% trabalha de fato com o fazer teatral, ainda que em sua maioria seja concursada para a área de Arte ou Educação Artística (nomenclatura da época de seus concursos). Os professores contratados oficialmente para a área específica de Teatro são os da rede privada e da rede federal, o que reafirma o fato de que os concursos tanto na rede estadual, quanto municipal ainda não são realizados para cada uma das linguagens artísticas previstas por lei (Teatro, Dança, Artes Visuais e Música). Esse fato se desdobra em um conjunto de situações e desafios que o professor formado em teatro enfrenta ao assumir seu cargo nesses sistemas. Alguns deles serão tratados mais adiante nesse texto.

A maior parte dos professores atua em apenas um sistema de ensino (municipal, estadual, federal, ou particular), entretanto não temos acesso por meio de nossas perguntas no questionário à carga horária de cada um deles ou à realização de dobra na própria escola, por exemplo. Cerca de apenas um terço dos dezesseis professores trabalham em duas instituições ou redes de ensino, o que nos pareceu surpreendente, visto que a área de Artes tem poucas horas-aula por semana em cada ciclo de educação (Fundamental I, II e Médio). Seria importante numa próxima etapa de pesquisa conhecer as condições mais específicas de trabalho em cada rede de ensino. Nesse sentido, percebemos que a maior parte das aulas de Teatro se concentra na Educação Infantil e Ensino Fundamental - 90% das respostas - e apenas dois professores responderam que atuam no Ensino Médio com práticas teatrais. Duas informações parecem decorrentes dessa: o nível Médio é responsabilidade da rede estadual de ensino e nessa esfera, no estado de Minas Gerais, a cada ano é publicada uma resolução com as regras para a inserção das aulas de artes neste nível de ensino. Além disso, de acordo com a Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia, o Ensino Médio Regular (aqui não se inclui Educação de Jovens e Adultos, por exemplo) deve ter cinco disciplinas obrigatórias e cinco optativas. O ensino de arte respeita a resolução do ano corrente, mas está entre as disciplinas optativas, ficando a critério de cada escola a inserção ou não no currículo.

No tema dos sujeitos que definem os “conteúdos” de trabalho na escola – da questão 16 -, a maior parte das respostas nos parecem não corresponder à realidade: só o professor definindo os conteúdos, não levando em consideração nem estudantes, nem equipe pedagógica, diretrizes dos sistemas de ensino em que se trabalha, pais dos alunos, etc. É importante notar que só essa pergunta cita a comunidade externa aos muros da escola, e nenhum professor respondeu que essa contribua na escolha de conteúdos para as aulas. Surge o discurso de uma não participação da comunidade, como se a localização geográfica e os traços culturais dos sujeitos escolares fosse indiferente.

Pensamos que por meio de uma comunicação mais fluida com pais, trabalhadores do entorno e etc. o fazer teatral na escola pudesse ser melhor compreendido, entretanto também consideramos que essa questão (da pouca comunicação entre escola, comunidade de pais e/ou do bairro) não é relevante apenas no campo do teatro.

Outra possibilidade de justificativa para as respostas à pergunta sobre os conteúdos é a que os professores tenham buscado enfatizar a autonomia de seus campos na escola - uma das poucas “vantagens” que costuma ser sinalizada por eles em relação às outras matérias. As respostas não condizem, inclusive, com a fala de alguns desses professores nos Fóruns ou mesmo de suas práticas cotidianas, já acompanhadas por alguns de nossos pesquisadores durante o projeto. Parece-nos que elas foram dadas a partir de um ponto de vista ou excessivamente formal ou pouco conectado com as experiências efetivas em sala de aula. Novamente, esse é um ponto em que a formulação de nossa pergunta ou o instrumento questionário em si parece não alcançar a complexidade das realidades vividas pelos professores.

Das práticas teatrais no cotidiano escolar

Neste trecho do texto vamos nos debruçar sobre as perguntas do questionário relativas à fruição de espetáculos, aos espaços da escola onde acontecem as atividades teatrais e às necessidades apontadas pelos professores para melhor realização de seu trabalho dentro do espaço escolar. Tais perguntas foram formuladas oferecendo respostas de múltipla escolha, em que se poderia marcar mais de uma resposta à mesma questão, como no exemplo abaixo:

“EM QUE ESPAÇOS DA ESCOLA SÃO REALIZADAS AS AULAS DE TEATRO?”

- () Nas salas de aula das turmas
- () Em uma sala específica para aulas de teatro
- () Na quadra da escola
- () No pátio
- () Outros. Especifique:...”

Na questão 17: “Proporciona momentos de fruição de obras artísticas para seus estudantes?”, 75% dos professores responderam que sim, e 25% optaram pela resposta não. Dentre os que responderam realizar momentos de fruição com os estudantes, dez respostas apontaram a própria escola como espaço utilizado para esses momentos, seis indicaram teatros, quatro centros culturais, um museus, duas praças, e uma indicação de outros espaços – no caso, a Universidade

Federal de Uberlândia. Porém, na pergunta 17.3: “Essas obras teatrais são apresentadas com qual frequência?”, de resposta “obrigatória” apenas para os professores que responderam sim na questão apresentada anteriormente, 93,75% dos professores optaram pela resposta: “Sempre que Possível”, incluindo os 25% que responderam que não proporcionam momentos de fruição para os estudantes. Isso nos sugeriu que eles podem não integrar essa ação no seu planejamento, mas estão abertos a receber obras teatrais quando essas chegam até o espaço escolar.

Quando questionados sobre os formatos das obras teatrais que os professores compartilham com seus estudantes nos momentos de fruição, dez respostas indicaram contação de histórias, cinco indicaram performances, dez espetáculos, seis intervenções, sete instalações, e duas respostas apontaram outros formatos, sendo um deles “pequenos números criados pelos funcionários da escola” e outro: “teórico e quando possível práticas com jogos”. A partir dessas respostas nos pareceu possível identificar que existe diferença de compreensões sobre a noção de fruição e, conseqüentemente, nas representações sobre o que pode ser considerada uma obra teatral executada e vista na escola. Fruição artística aparentemente é compreendida, por parte de alguns profissionais, como a apreciação de apresentações realizadas fora da escola ou a vinda de grupos teatrais “profissionais” para se apresentarem.

Todos os professores responderam que realizam práticas teatrais na escola. Por outro lado, as ações artísticas realizadas com os próprios estudantes nas aulas de teatro, como o “formato teórico”, ou a prática de jogos, não foram consideradas como “obra teatral” que é fruída pelos estudantes (ou pela comunidade escolar em geral). Também apenas uma professora reconhece a contação de histórias realizada por outros funcionários da escola (Educação Infantil) como prática teatral e momento de fruição artística.

Durante a elaboração do questionário houve a preocupação de oferecer uma diversidade de respostas possíveis para delinear o que vem a ser fruição, onde e como ocorre, assim como o que os pesquisados entendem como possibilidades de prática artística dentro da escola. Apesar da maioria dos professores terem tido sua formação exclusivamente realizada dentro do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, percebemos a amplitude de concepções que subsidiam as práticas em teatro. Não se trata, portanto, de julgar quais concepções são melhores ou piores, mas de compreender que os percursos formativos dos professores, suas experiências como espectadores e atores, seus posicionamentos pedagógicos delimitam sentidos diversos para suas práticas como teatrais na escola. Delimitam ainda as nomeações e os sentidos que são dados às experiências de fruição, como levantamos até aqui.

A questão 25 por sua vez, convida os professores a avaliarem “as condições de infraestrutura (física, espaço de apresentação, relação com a direção) para realização das aulas de teatro na sua instituição”. Há quatro alternativas no questionário, que tiveram as seguintes respostas: uma avaliou como ótimas condições, sete como “boa”, três “regular”, quatro “ruim”, e uma pessoa não respondeu. As alternativas “boa”, “regular” e “ruim” ofereciam em seguida um espaço para se escrever “o que melhorar”. O conjunto das respostas dos professores a esse item faz aparecer três eixos comuns: o espaço, o tempo de aula e a compreensão da escola sobre o teatro e os processos artístico-pedagógicos na Educação Básica.

Em relação ao espaço os professores apresentam problemas como “salas pequenas e necessitando de pequenos reparos”, além da “falta de limpeza do espaço”. Mais de um professor fala da necessidade de “espaço exclusivo” ou de se “criar sala ampla e depósito” ou “palco”, evidenciando o desejo por um lugar destinado às aulas de teatro. Confrontamos essa resposta com aquelas obtidas na questão 15: “Em que espaços da escola são realizadas as aulas de teatro?”. Apenas quatro dos dezesseis professores assinalam a alternativa “em uma sala específica para as aulas de teatro”. A maioria opta pela resposta “salas de aula das turmas” ou ainda: quadra da escola, pátio, salão ou anfiteatro, quiosque e “sala improvisada”. Percebemos assim que os professores criam as condições para que aconteçam as aulas de teatro em diversos espaços da escola, mas apresentam a necessidade de possuir uma sala destinada exclusivamente para essas atividades, tendo os outros locais da escola como opcionais de acordo com o trabalho que estiverem realizando. Sabemos que há na história das artes da cena, a presença constante da ocupação de espaços públicos e não convencionais com o fazer teatral. Entretanto, a demanda dos professores manifesta nas respostas ao questionário nos parece um posicionamento político marcante deles pela criação e legitimação do lugar físico e simbólico para a área de artes e do teatro especificamente no contexto da rede pública de Educação Básica.

Sobre o tempo de aula destinado à linguagem teatral, os professores apresentam respostas diferentes, manifestando-se sobre o “tempo de aula pequeno” ou a necessidade de “mais horários”. Na questão 11.1: “Qual a frequência das aulas de teatro em horário curricular?”, o maior tempo de aula semanal apresentado como resposta é de cem minutos (duas aulas semanais). De certo modo, essas respostas apontam para o campo de debate intenso sobre o currículo na educação escolar e se articulam com a necessidade dos professores de espaço (físico e simbólico) para artes. Esse “pouco” tempo destinado ao teatro (ou às artes em geral) contrasta com o tempo destinado a outras áreas de conhecimento, revelando as diferentes valorações dadas pela sociedade à diferentes

áreas. Revela-se nessa distribuição de tempos distintos uma hierarquização em relação ao significado de cada área e seus conteúdos na escola. Como aponta Duarte Jr (1988), também essa ausência é parte do currículo, explicita um posicionamento em relação ao conhecimento. No limite, o tempo que não é vivido com o fazer artístico também manifesta os modos como uma sociedade, um país, uma escola pensa os sentidos da educação e das artes nela.

O terceiro tema que emergiu na análise da questão 25, diz respeito à dificuldade de compreensão da escola sobre a criação artística como “algo incerto, sem vislumbre de resultados”, ou a partir de respostas como: “disponibilidade da escola em ajudar” e “melhor compreensão sobre ramificações da arte”. Destacamos a seguir duas respostas que surgem para uma das últimas perguntas do questionário e que se articulam a esse eixo temático: “Há alguma questão que gostaria de acrescentar sobre teatro na escola?”

Falta à escola entender que a arte é, e que não pode dobrar-se ao utilitarismo que domina quase todos os campos de relações humanas atuais. (professor pesquisado)

Penso que na verdade a reflexão sobre teatro na escola está para além da relação do mesmo com os espaços escolares, pois na verdade é preciso repensar a escola como um todo, todos os seus métodos, sistemas, paradigmas e formatos. O formato atual da maioria das escolas dificulta não somente o ensino/aprendizagem em teatro, mas impossibilita, muitas vezes, as descobertas e experiências de vida enquanto seres humanos. (professora pesquisada)

Em ambos casos, destacamos que a percepção dos professores sobre tal incompreensão da escola em relação à área teatral não é corporativista ou apenas mais uma “reclamação” que culpabiliza uma categoria específica (gestores, funcionários, professores de outras áreas, familiares ou até estudantes) pelos desafios de se fazer teatro na escola. Nessas respostas observamos novamente um posicionamento político, uma compreensão em relação aos sentidos e amplitude da experiência artística na escola e mesmo em relação ao que pode vir a ser a experiência escolar na trajetória de formação de qualquer ser humano. Como equipe de pesquisa, um dos desafios para a resolução dessas questões parece ser o próprio diálogo, minúsculo, cotidiano, com os homens, mulheres, adolescentes, crianças que vivem partes de suas vidas no ambiente escolar. A despeito das mecanizações ou da rigidez que se possa atribuir historicamente à instituição escolar, parece-nos que cada escola pode ser singular, construída lenta e coletivamente pelo grupo de pessoas que nela convive, vislumbrando suas próprias problemáticas e soluções singulares, como propunha José Mario Pires Azanha (2004, 1995).

Das trajetórias de formação dos professores

Na pergunta sobre participação em programas de formação continuada e/ou redes de compartilhamento, houve professores (62,5%) que não consideraram sua participação nos fóruns mensais do projeto *Partilhas Teatrais* como pertencimento a um programa de “formação continuada”. Por outro lado, as últimas discussões dos fóruns (já em 2015) envolveram oficializá-lo como espaço para isso, principalmente dos professores de Teatro vinculados à rede municipal e, portanto, ao CEMEPE (Centro Municipal de Estudos e Projeto Educacionais), que coordena historicamente essas ações no sistema de ensino da cidade.

Ainda assim, tanto as pessoas que não consideraram o *Partilhas Teatrais* um programa de formação continuada, quanto as que consideraram e frequentam os fóruns, responderam que o projeto é uma rede de compartilhamento ou encontro de professores do qual fazem parte. A confrontação de respostas reafirma que a rede de troca de experiência está sendo tecida, mas revela também que o grupo diferencia os tempos-espços vividos em “redes” daqueles vividos em “formação continuada”.

No campo da socialização das práticas teatrais coordenadas na escola, dois professores consideraram que conversas, fotos e relatos são seus modos de compartilhamento de processos criativos realizados. Por outro lado, alguns dos professores que responderam participar do *Partilhas* e ver os fóruns como espaço de compartilhamento, responderam que não o fazem com colegas de outras escolas, desconsiderando de certo modo essa participação nos fóruns como espaço-tempo de socialização de seus processos criativos.

Quando perguntados se participam de alguma pesquisa teatral, alguns professores não mencionaram que participam de programas como PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e PROFARTES (Mestrado Profissional em Artes). Não é necessário dizer que ambas atuações envolvem o recorte de interesses de investigação (prática e teórica), a organização de planos de pesquisa e a própria escrita de artigos ou elaboração de criações artísticas. Novamente se manifesta a diversidade de compreensões sobre o que é ou não considerado como pesquisa, mesmo nos tempos atuais em que tal concepção parece ter se ampliado, como levanta Patrice Pavis em seu *Dicionário de Teatro*:

Felizmente, outras formas de investigação surgiram recentemente, renovando a pesquisa:

- Aberturas de mestrados e até mesmo de doutorados práticos: um memorial acompanha a experiência, ainda que limitada, de encenação, de atuação ou de escritura [...];
- observação de um processo de preparação de um espetáculo, durante os ensaios, “observação participante” de estagiários ou assistentes da encenação, da cenografia e da parte técnica;
- organização, cada vez mais frequente, de colóquios temáticos sobre determinado aspecto da criação ou da atualidade;
- Encontro entre praticantes e historiadores/teóricos: artistas são convidados a mostrar seu método de trabalho com atores ou dançarinos, sob o olhar crítico e com os comentários dos “acadêmicos”. (2008, p.291)

Formação continuada, rede de compartilhamento, processos criativos na escola, pesquisa artística é um conjunto de termos chave nas perguntas sobre as ações de professores de teatro fora da sala de aula ou fora da escola citadas nessa seção. Não caberia aqui aprofundar na análise, entretanto, ao tabular e interpretar as respostas, se manifesta novamente a percepção das diferentes formas de entendimento de tais termos pelos professores participantes da pesquisa.

Das considerações finais - algumas questões metodológicas

Como apontamos na abertura desse texto, a reflexão que desenvolvemos aqui é preliminar e diagnóstica. De um lado porque o universo que abarcamos foi diminuto, diante da quantidade de unidades escolares existentes na cidade. De outro lado porque esse conjunto de questionários respondidos tornou mais claros alguns aspectos que poderemos rever na continuidade de sua aplicação nos próximos anos e/ou no aprofundamento dos estudos sobre as práticas teatrais na cidade por meio de entrevistas semi-estruturadas, por exemplo.

O primeiro aspecto que destacamos é a percepção de há algumas margens de erro na compreensão das perguntas e no detalhamento das respostas dadas a elas que alteram os resultados que o questionário pode ter na investigação. Um exemplo disso é a permanência de alguns ruídos de comunicação entre o vocabulário utilizado na redação das alternativas de respostas de certas questões e o vocabulário utilizado correntemente pelos professores: a descrição das “aulas duplas”, “aulas germinadas” em nosso questionário gerou uma proliferação de observações por parte dos professores pesquisados, que não viam na redação de nossas respostas nenhuma alternativa condizente com seus modos de nomear essa situação. O segundo aspecto que emerge no processo de levantamento de professores com práticas teatrais na rede escolar e de aplicação do questionário é a percepção de que esse mapeamento sistemático demandaria um projeto e uma equipe específica para ter o alcance planejado e desejável para ele.

Após a experiência de um ano e meio com essa ação no Projeto Partilhas, Ateliês e Redes de Cooperação, percebemos que essas questões podem ser sanadas, numa possível continuidade do mapeamento, realizando a aplicação do questionário numa abordagem direta (como entrevistas estruturadas), em que haja um membro da equipe acompanhando, portanto, o processo de leitura e elaboração das repostas.

Investigações dessa natureza ainda são escassas na área de Pedagogia do Teatro, o que deixa pesquisadores e professores sem uma percepção histórico-crítica das práticas teatrais no ambiente escolar e, por vezes, sem ferramentas para participar das decisões na elaboração e implementação de políticas públicas em nossa área. O aumento de pesquisas nesse campo seria ação necessária para a elaboração de um estado da arte sobre o ensino de teatro em cidades e estados do país, contribuindo para a efetivação de políticas públicas na área e, conseqüentemente, para a legitimação do ensino de teatro no contexto da Educação Básica brasileira.

Referências

AZANHA, José Mario Pires. **Democratização do ensino: vicissitudes da idéia no ensino paulista**. *Revista Educação e Pesquisa*. (São Paulo), 2004, v.30, no.2, p.335-344.

_____. **Educação: temas polêmicos**. SP: Martins Fontes, 1995.

BRANDÃO, Zaia. Pesquisa em educação. O olhar do nadador: do individual ao coletivo. **Educação On Line**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-15, 2005.

_____. **Pesquisa em Educação: conversas com pós-graduandos**. RJ: Loyola/PUC-RJ, 2002.

_____. A dialética micro/macro na Sociologia da Educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, no.113, p.153-165, julho de 2001.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. Campinas-SP: Papirus, 1988.

LAVILLE, Christian & DIONE, Jean. **A Construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Artmed; BH: Ed. UFMG, 1999.

PAVIS, Patrice. **Dicionário do Teatro**. SP: Editora Perspectiva, 2008.

Recebido em 21/02/2015
Aprovado em 25/05/2015
Publicado em 26/08/2015

